

R E V I S T A

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. IV | N° 54 - MAIO 2025



AS MENTIRAS SOB AS FUNDAÇÕES

EDITORIAL

A Revista Conhecimento & Cidadania foi criada por uma família e amigos com o propósito de levar compreensão dos acontecimentos atuais e históricos ao maior número de pessoas possíveis. E exatamente por isso ela é totalmente gratuita e digital.

Leandro Costa – Editor-Chefe
Munique Costa – Editora Adjunta
Pedro Costa – Editor Auxiliar

Produção e Designer

Leandro Costa
Munique Costa

Redação

Leandro Costa
Munique Costa
Pedro Costa

Colunistas

Danielly Jesus
Edson Araujo
Juliette Oliveira
Leandro Costa
Mauricio Motta

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

www.revistaconhecimentoecidadania.com



[Vaquinha online](#)



Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania



revistaconhecimentocidadania@gmail.com



[@revistaconhecimentocidadania](#)



[@revistaconhecimentocidadania](#)



[@RevConhecimento](#)



[@conhecimentocidadania](#)



Leandro Costa

EDITOR-CHEFE

Servidor público,
professor de Direito,
idealizador do projeto
Direito nas Escolas, autor
do livro: Direito nas Escolas
e Diretor na Associação
Brasileira de Juristas
Conservadores.

www.leandroconservadorrj.com

Revista Conhecimento &
Cidadania
Vol. IV – Nº 54
Maio de 2025
Rio de Janeiro – RJ
Menezes Costa
CNPJ 28.814.886/0001-26
ISSN 2764-3867

COLUNISTAS

LEANDRO COSTA

Servidor público, advogado impedido, professor de Direito, Diretor Acadêmico do projeto Direito nas Escolas e editor-chefe da Revista Conhecimento & Cidadania..

MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spotfy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

EDSON ARAUJO

Palestrante, estudante de filosofia e teologia.

As mentiras sob as fundações



O filme *A Sombra de Stalin* narra a história do jornalista galês Gareth Jones, em sua viagem à nada saudosa União das Repúblicas Socialistas Soviéticas durante o governo do ditador genocida Joseph Stalin no início da terceira década do século passado. A missão de Jones era retratar sua experiência no país comunista para que, de certa forma, o restante do mundo soubesse o sucesso daquele sistema.

Jones não era um opositor às ideias comunistas, ao contrário, até poderia ser considerado um simpatizante do regime, ao menos daquilo que acreditava que o comunismo era. Contudo, o jornalista começa a desconfiar da prosperidade, até excessiva, que os soviéticos experimentavam apesar do cenário de crise no restante do mundo. O galês poderia assumir que a União Soviética estava fora do alcance das mazelas que afetavam outros países por se tratar de uma nação que adotou um sistema que o afastava do capitalismo, associando a crise, a grande depressão, ao liberalismo econômico como os defensores do socialismo até hoje fazem, entretanto, era nítido que havia algo estranho naquela prosperidade soviética.

O que Gareth Jones acaba descobrindo é que os jornalistas estavam inseridos em uma espécie de encenação que representava uma falsa prosperidade do regime soviético, uma vez que estavam convivendo apenas com a elite daquele país, ou seja, os relatos seriam produzidos por jornalistas que desfrutavam da fartura que só os membros do partido e os burocratas em altas posições podiam experimentar.

Leandro Costa

Jones percebeu que não estava ali para relatar o que acontecia com o povo soviético, mas para vender ao ocidente a imagem que todos gozavam das regalias que, na verdade, eram exclusivas da elite socialista. Sua missão era retratar uma farsa para convencer o restante do mundo que a União Soviética era uma nação próspera com uma economia pujante, não afetada por crises oriundas do sistema capitalista, e o povo experimentava uma vida feliz em meio à abundância de recursos.

A grande virada do filme é quando Jones decide buscar a verdade e lhe é sugerido buscar a resposta na Ucrânia, uma das repúblicas soviéticas na qual o jornalista poderia observar, in loco, a triste realidade do povo que sustentava a farsa do líder socialista Stalin. Jones consegue, após algum esforço, driblar os agentes do governo soviético e, finalmente, chegar à Ucrânia, constatando uma verdade muito pior do que poderia ter imaginado.

A verdade sobre mal que assolava o povo da Ucrânia não podia ser contada, era preciso que Jones presenciasse o drama para acreditar em tamanha monstruosidade perpetrada pelo regime socialista, que confiscava os alimentos produzidos naquelas terras férteis e expropriava os Kulags, os agricultores ucranianos, para manter o luxo da elite de Moscou e, ao mesmo tempo, penalizar aqueles que não aderiram às políticas doentias de Stalin e seu maldito antecessor. O líder soviético nutria certo desprezo pelos agricultores da Ucrânia e não se importava em desgraçá-los para manter seu nefasto regime.

A morte pela fome, chamada pelos ucranianos de Holodomor, era encoberta pelo regime socialista como se fosse uma sujeira varrida para baixo do tapete, dizimando o povo ucraniano e escondendo do ocidente o quão desprezível é o socialismo. Quando Gareth Jones vivencia o terror que se escondia à sombra de Stalin, o jornalista galês decide, assim que consegue retornar ao ocidente, contar ao mundo livre a respeito de sua experiência na Ucrânia para expor o mal que o regime soviético era e como aquelas pessoas eram atingidas.

Ao denunciar a verdade sobre o Holodomor, algo que ainda é negado por socialistas até os dias atuais, Gareth Jones enfrentou um novo desafio, haja vista que o regime soviético mantinha uma rede de influências para garantir que suas mentiras não fossem confrontadas, de forma que Jones acabou sendo tratado como um propagandista anticomunista, um agente da desinformação que buscava difamar o maravilhoso mundo da União Soviética. Nos dias atuais, o jornalista galês, provavelmente, seria acusado de espalhar fakenews, por ser um negacionista ou teórico da conspiração, sendo alvo daqueles que buscam controlar a informação, entretanto, a descentralização da informação permite que tiranos não consigam calar, ao menos de forma absoluta, aqueles que buscam desmentir suas farsas abjetas.

Manter o Holodomor escondido foi uma das formas da propaganda comunista evitar que o mundo livre soubesse o quão atroz era o regime, desmobilizando, no ocidente, movimentos que denunciasses as mazelas do socialismo. Além de esconder suas vicissitudes, os socialistas infiltraram suas ideias nas

Leandro Costa

universidades e movimentos revolucionários diversos, especialmente, na guerrilha, que no continente africano se mantém até os dias atuais, entretanto, na América Latina deu origem a narcoguerrilha, que ainda conserva seus vícios socialistas e, em alguns casos, laços com políticos afetos àquela vertente ideológica.

Construir algo verdadeiro é contrário ao socialismo, uma vez que, sendo uma ideologia relativista que esconde sua verdadeira natureza, na qual a elite revolucionária pretende se impor através de uma ditadura mascarada, seja alegando servir ao trabalhador ou ser uma democracia, sendo, portanto, necessário esconder suas falhas, mazelas e tudo aquilo que aponte contra a nefasta ideologia do público em geral.

A China, país do qual os defensores do socialismo se gabam de estar em uma crescente econômica ímpar, nitidamente mascara as informações para parecer mais próspera e menos falha que realmente é. Basta observar o caso da construtora Evergrande para perceber que há uma clara manipulação de dados com o fim de enganar o mundo acerca do desenvolvimento chinês. Evidente que um socialista dirá que empresas por todo o mundo estão sujeitas a gestores dispostos a ludibriar terceiros distorcendo dados, mas naquela ditadura socialista unipartidária, o capitalismo serve aos interesses estatais e é pelo Partido controlado, permitido ou esvaziado.

Outro curioso caso é o do Turcomenistão, outrora um das repúblicas soviéticas, cuja capital Asgabate apresenta construções extravagantes que ostentam uma riqueza que não é usufruída pelos cidadãos. Em verdade, a capital parece uma linda cidade fantasma quando visitada e os poucos que conseguem entrar no país são monitorados para que não tenham acesso à realidade dos turcomenos, tal qual o governo soviético fazia em relação aos jornalistas, escondendo os ucranianos.

Os regimes de Cuba, Venezuela e Nicarágua também negam sua real natureza, fantasiando-se de corajosos oponentes e vítimas das potências ocidentais, alegando combaterem o imperialismo quando, na verdade, servem os interesses do imperialismo socialista, ou seja, forcem seus cidadãos a ajoelharem aos governos de China, Rússia, Irã e outros, fingindo que estão os libertando dos EUA e da Europa.

O maior problema dos revolucionários é que, no afã de construir sobre mentiras, acabam por esconder sob suas fundações uma força que não poderão controlar, pois como diziam os mais velhos, “a mentira tem pernas curtas”, apontando que ela não consegue correr para tão longe que um dia não seja alcançada e exposta.

O colapso de uma construção que tem a mentira sob suas fundações é inevitável e o máximo que os líderes revolucionários poderão fazer é posterga-lo, caso em que, não importa-lhes se a estrutura ruirá, mas se eles não estarão nela quando acontecer. Assim como Papa Doc e Baby Doc conseguiram deixar o Haiti após expropriarem tudo o quê puderam e Joseph Stalin morreu sem ser julgado por seus crimes, os

Leandro Costa

líderes revolucionários lutam para que o poder não escape de suas mãos, para que possam gozar suas vidas no luxo e impunes, haja vista que não acreditam em justiça divina.

Papa Doc, para dizimar a oposição no Haiti, instituiu a política de partido único, obviamente o dele, assim como ocorre na China, e enfraqueceu o exército criou uma milícia voluntária, uma força composta por criminosos que podiam matar e expropriar os cidadãos, chamada Tonton Macoutes (Tio do Saco em Português), algo que remete à Guarda Nacional Bolivariana de Hugo Chaves, podendo inspirar uma polícia ligada ao regime, como se fosse uma força nacional ou uma corporação criada para assumir a segurança sob um controle centralizado. A experiência do Haiti e da Venezuela era para ser mais que o suficiente para mitigar a ideia de uma força militar centralizada para funcionar como polícia, pois, estaríamos criando uma instituição perigosa, mas isso não será tratado no momento.

Para sustentar mentiras, a liderança revolucionária produz conteúdo acadêmico à la carte, com estudos direcionados aos seus interesses, servindo como arcabouço, ainda que fraudulento, para as pautas socialistas. Construindo narrativas sem qualquer sustentação na verdade, os revolucionários acabam vendo suas obras desmoronarem, usando da força para encobrir suas mentiras e tentar manter os escombros de pé. Chegamos ao ponto em que o regime precisará eliminar aqueles que tentem abrir os olhos dos demais, pois aceleram o processo de autodestruição que os líderes revolucionários, embebecidos pelos luxos que o regime os propicia, consideram como uma destruição imposta por seus rivais, que não são nada além de todos que, em algum momento, decidam expor suas mentiras encobertas.

A luta pela censura nas redes sociais, que para a mídia mainstream é a tentativa de manter o monopólio da informação e, por conseguinte, sua existência no patamar de outrora ocupara, para os senhores socialistas é a forma de encobrir a verdade e postergar a queda de sua estrutura erigida sobre a farsa que é a revolução. Não por acaso a esquerda mundial pretende avançar com medidas que resultem na censura, países como China e Rússia restringem o acesso e funcionamento de plataformas para que não haja vozes que se contraponham às versões oficiais.

Na Europa e na América Anglo-saxônica a esquerda tenta emplacar lei para censurar as redes chamando tais medidas de regulação. A mesma postura se verifica na esquerda brasileira que, ressalvado o Partido da Causa Operária, ao se deparar com a resistência dos membros do Congresso Nacional, busca pela via do ativismo judicial, promover a censura, por mais que isso signifique atropelar o Poder Legislativo, uma vez que, os revolucionários acreditam que os fins justificam os meios e nada pode impedir os avanços do socialismo.

A esquerda chamada socialdemocrata, que usa a democracia para chegar ao poder e destruí-la em nome de seus ideais socialistas, tanto que, alia-se aos socialistas declarados em oposição à direita, mesmo

Leandro Costa

que signifique ajudar que o autor do delito consiga “voltar à cena do crime”, evidenciando a falta de pudor daqueles que outrora se colocavam como centro esquerda ou esquerda moderada.

As narrativas são inventadas e reinventadas para tentar justificar os arroubos autoritários, contudo, o tempo faz com que as mentiras sob as fundações dos revolucionários corroam sua sustentação, provocando o inevitável desabamento. Processos que usam artifícios amplamente condenados, como a pesca probatória e delações sob coação, além de a completa dissociação do princípio do devido processo legal, como vítimas que julgam, investigam e provas que a defesa ignora, são meios deploráveis que os asseclas revolucionários tentam justificar como formas de garantir uma democracia que se sustenta na imposição do medo e o cerceamento da liberdade.

De medidas exacerbadamente heterodoxas a ataques à subsistência de opositores, a elite revolucionária tenta intimidar e calar os que tentam confrontá-la trazendo a verdade à tona, acelerando assim o processo de desabamento do regime. Se o estamento corrompido pode servir para impor um sistema nefasto, por outro, ela sofrerá com a inevitável hipertrofia autofágica, posto que, os excessos resultarão em poder se controle e na autodestruição, como está acontecendo com o Poder Judiciário em razão do ativismo.

O ativismo judicial faz do Poder Judiciário o maior dos três, engolindo o Executivo e o Legislativo, este último, sendo o que mais representa o povo, reagirá e sufocará o primeiro por seus abusos, mas antes de cair, o Poder Judiciário, não reconhecendo seu desvirtuamento, lutará por ainda mais poder e fará com que a reação seja ainda mais forte.

Os revolucionários, para garantir sua posição de poder, precisam sustentar a mentira à força, para isso, corromperam as instituições, mas ao se desviarem de sua natureza, é natural que tais instituições entrem em um processo de degeneração e autodestruição, negando, contudo, sua parcela de culpa. As autoridades, à frente de tais organismos, se preocupam tão somente se a queda não ocorrerá durante a sua estadia, pois, caso ocorra, responderão por seus desmando.

Curioso pensar que aqueles que outrora praguejavam os Estados Unidos da América e pediam que pessoas fossem destruídas em sua liberdade ou subsistência por defenderem o quê acreditavam, agora se contorcem por temerem que seus centuriões sejam alvo de medidas restritivas daquela nação. Se o imperialismo americano é o maior mal e aqueles que não comungam da revolução merecem, para alguns, até mesmo “uma boa cova”, deveriam, os revolucionários, comemorar o total rompimento de relações com os EUA e com aqueles que com aquele país livre negociam.

Os que pregam o ódio ao ocidente deveriam cantar de alegria ao se verem privados dos vícios do capitalismo e seus luxos, frutos da desigualdade social, mas como na União das Repúblicas Socialistas

Leandro Costa

Soviéticas, a elite revolucionária não pretende deixar seu conforto por suas convicções, pois desejam que as privações recaiam sobre os inocentes.

Os socialistas não estão dispostos a pagar o preço por aquilo que acreditam, exceto se a conta recair sobre os ombros alheios.

Aos homens de bem resta que fiquem longe dos revolucionários e lutem para que as mentiras sob as fundações sejam expostas, fazendo com que o castelo dos ímpios desabe com eles dentro para que respondam pelo mal que causaram.

“Vós tendes como pai o demônio e quereis fazer os desejos de vosso pai. Ele era homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque a verdade não está nele. Quando diz a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira”. São João 8:44

Leia: [Afundando navios](#)



O surrealismo na banalização da Ludopatia



Salvador Dalí foi um pintor espanhol nascido em 1904. Seu trabalho artístico se destacou no movimento conhecido como surrealismo. O surrealismo ou sobrerrealismo foi um movimento artístico e literário nascido em Paris na década de 1920 e tem base no marxismo.

O Manifesto Surrealista, escrito em 1924, impunha o chamado automatismo psíquico, *“estado puro, mediante o qual se propunha transmitir verbalmente, por escrito, ou por qualquer outro meio o funcionamento do pensamento; ditado do pensamento, suspenso qualquer controle exercido pela razão, alheio a qualquer preocupação estética ou moral”*.

Um segundo manifesto foi escrito em 1930, e tratava mais diretamente aos acontecimentos procedidos depois da publicação do primeiro manifesto, e do esclarecimento da posição política e dos princípios surrealistas. A cumplicidade com os comunistas, e a desconfiança destes e a possível traição que pode ter acontecido por parte de membros que se diziam adeptos do surrealismo, são assuntos tratados nos textos.

Dentre as características deste estilo estão a combinação do representativo, do abstrato, do irreal e do inconsciente. Segundo os surrealistas, a arte deve libertar-se das exigências da lógica e da razão e ir além da consciência cotidiana, procurando expressar o mundo do inconsciente e dos sonhos.

Danielly Jesus

Observa-se o surrealismo, na prática, através das obras de Salvador Dali, que exibia uma combinação de imagens bizarras e fantasiosas. Uma de suas obras mais conhecidas chama-se *Persistência da memória*, feita em 1931. O artista expõe uma paisagem típica da Catalunha e uma oliveira seca, árvore muito presente na região. Há também a presença de relógios disformes e derretidos, assim como o corpo prostrado presente no chão.

Se Salvador Dali vivesse no Brasil atualmente, certamente produziria uma obra sobre nossa situação. Provavelmente, o nome do quadro seria “*Surrealismo*”. Sim, é muito possível que Dali denominasse uma obra que refletisse o Brasil utilizando o próprio nome do movimento. Porque, como sempre digo, “*o Brasil é surreal!*”

Mas, ao mesmo tempo, penso que até Dali teria extrema dificuldade em retratar a grande complexidade que existe em solo tupiniquim. Será que a pintura mostraria um mapa derretido? Ou fantasmas andando por Copacabana? Não sabemos. Porém, sem querer tomar o lugar do artista, tentarei dissecar o surrealismo que tomou conta do país nos últimos tempos.

Atualmente, temos dois “surtos coletivos” em alta no país: bebês reborn e BETS. Confesso ao leitor que foi extremamente difícil escolher um dos temas, porque tratar de ambos tornaria este artigo deveras longo. Então, tomei a decisão de analisar a problemática das casas de apostas.

Jogos de azar não são novidade. Sua provável origem seria do ano 2.070 a.C na China, durante a Dinastia Xia. Alguns historiadores apontam o uso de ossos de animais (dados primitivos) e sorteios com objetos rituais como primeiros indícios de apostas. Na Dinastia Shang (entre 1600–1046 a.C.) foram encontrados dados e objetos de jogos em escavações arqueológicas datadas desse período. Já na Dinastia Han (entre (206 a.C.–220 d.C.) é quando surgem os primeiros jogos semelhantes à loteria atual. Alguns estudiosos acreditam que os recursos arrecadados com esses jogos foram usados até para financiar obras públicas, como partes da Grande Muralha da China.

Já na Idade Média, que compreende o tempo a partir do século V até o século XV, A Igreja Católica considerava os jogos de azar pecaminosos, por estarem ligados à cobiça, engano e perda de tempo. Concílios eclesiásticos da época, como o de Elvira (c. 306 d.C.) condenaram o jogo: jogadores poderiam ser excluídos da comunhão ou receber penitências severas. Além disso, muitos reis ligados à Igreja Católica proibiram apostas oficialmente, especialmente entre soldados e nobres — embora a prática continuasse em festas e tavernas.

Apesar das proibições, os jogos de azar eram comuns entre camponeses, mercadores, soldados e até nobres, através dos dados, cartas rudimentares e jogos de tabuleiro com apostas em moedas ou bens pessoais. Documentos indicam que, durante as cruzadas, cavaleiros medievais apostavam em jogos antes de batalhas, às vezes jogando até suas armaduras ou cavalos.

Danielly Jesus

Ainda na Idade Média, houve a tentativa de regularizar estes jogos. Cidades como Veneza, Florença e Paris começaram a criar leis locais para proibir jogos de azar em determinados lugares e horários. Além disso, aplicavam multas e também licenciavam casas de jogos em algumas situações (quando o Estado lucrava). Essas tentativas marcaram o início da transição entre a repressão moral e o controle institucional que daria mais tarde origem aos cassinos oficiais no período moderno.

Já naquela época, há registros (poucos, porém verdadeiros) de apostadores que perderam tudo em jogos de apostas e, em um ato de desespero, decidiram encerrar suas vidas. O suicídio era considerado um pecado gravíssimo pela Igreja e frequentemente não era registrado oficialmente. Contudo, subliminarmente, isso era registrado. Eis um exemplo:

“E o jogador, tendo perdido até suas vestes e honra, lançou-se ao rio, pois não via mais salvação.”

Os relatos não citam nomes nem mostram datas exatas, mas servem como testemunhos morais de que o jogo levava ao colapso pessoal.

Algumas obras literárias da época do Renascimento, inclusive, relatam personagens que arruinaram suas vidas graças ao vício em apostas, como é de praxe que literaturas reflitam a percepção social de sua época.

O Renascimento (que compreendeu o período entre séculos XIV e XVI) foi um período em que a literatura começou a tratar de vícios humanos com mais liberdade e crítica social, incluindo o vício em jogos de azar e apostas. Uma das mais conhecidas é *“Elogio da loucura”*, de Erasmo de Roterdã. Na obra, a personificação da Loucura critica os vícios humanos, incluindo os jogos de azar, mostrando como as pessoas se enganam ao buscar prazer momentâneo, mesmo com risco de ruína. Uma das citações do livro é: *“São aqueles que, sempre perdendo, continuam apostando, como se o próximo lance fosse redentor.”*

Tratando sobre a legalização de apostas na Idade Moderna e na Idade Contemporânea, o período é marcado por diversos acontecimentos que resumo aqui.

Na Europa, casas de apostas e jogos começaram a ser tolerados por governos, desde que pudessem ser regulados e taxados. Há o registro do ano de 1638, em Veneza, Itália, do *Ridotto*, o primeiro cassino legal do mundo, criado pelo governo para controlar e arrecadar impostos com os jogos durante o Carnaval. Durante a colonização dos Estados Unidos, os jogos foram populares, mas enfrentaram repressão moral. Com o tempo, cidades como Nova Orleans, Chicago e San Francisco viram crescer o jogo clandestino — até que a regulamentação começou.

No século XX, houve o boom das apostas legalizadas. Em 1931, o estado americano de Nevada legaliza o jogo, e Las Vegas se torna a capital mundial dos cassinos. Na Europa, vários países (como

Danielly Jesus

França, Alemanha e Reino Unido) criaram sistemas estatais de loterias e legalizaram cassinos sob licenciamento. No Brasil, o jogo foi legalizado durante o governo Vargas, mas proibido em 1946, com exceção das loterias federais e corridas de cavalo.

Atualmente, o Brasil vive uma “febre” em relação a casas de apostas, popularmente conhecidas como BETS. Em inglês, “bet” significa “aposta” ou “apostar”. É usada tanto como substantivo (uma aposta em si) quanto como verbo (fazer uma aposta). A problemática das apostas online em solo brasileiro é a propagação da Ludopatia.

Ludopatia é o nome clínico para o vício em jogos de azar. Trata-se de um transtorno psicológico caracterizado pela compulsão em apostar, mesmo diante de consequências negativas para a vida pessoal, familiar, profissional e financeira.

Segundo critérios clínicos (DSM-5 e CID-11), a ludopatia envolve comportamentos como a necessidade de apostar quantias crescentes, perda de controle sobre o impulso de jogar, prejuízo significativo na vida social, familiar ou profissional e endividamento, venda de bens ou até crimes para sustentar o vício.

A propagação das casas de apostas online é feita praticamente por grandes influenciadores, que assinam contratos milionários para divulgar estes jogos em redes sociais. Contudo, qual a origem desse valor? Das perdas dos apostadores!

A Revista Piauí publicou uma matéria onde trata do “cachê da desgraça alheia”, quando o influenciador contratado ganha por volta de 30% (às vezes, mais) de tudo o que seus seguidores perdem em apostas. A reportagem expôs os cachês de celebridades que viraram a porta de entrada para o que hoje é chamado por especialistas de “pandemia do vício”.

O que torna a situação mais problemática é que o público-alvo de tais influenciadores são os que compõem as classes C, D e E, iludidos com promessas de “ganho rápido”, *renda extra* e coisas deste jaez. Há quem utilize a premissa do “joga quem quer”, “a população brasileira não está preparada para jogar”, “não tem dinheiro, não joga”, mas que não considera que o vício em jogos de azar são tão nocivos — talvez até mais — quanto em drogas.

“Ah, mas viciados em apostas sempre existiram...”. Sim, e como acompanhamos neste artigo, os jogos de azar sempre fizeram vítimas. Se, em tempos remotos, onde para se apostar era necessário sair de casa e se reunir com outras pessoas, a Ludopatia era evidente, devemos ter o senso de entender que hoje, com o mundo na palma da mão através da internet, a situação piorou drasticamente.

Utilizar a premissa liberal de que “aposta quem quer”, sem a devida observação dos malefícios causados pelas apostas, é ignorar que são os mais pobres as maiores vítimas. Se a casa sempre ganha e o mais vulnerável é quem aposta, logo temos uma reação em cadeia infernal, com crescente número de

Danielly Jesus

endividados, viciados, depressivos e suicidas em potencial. Influenciador que recebe dinheiro de casa de apostas possui as mãos sujas de sangue.

Leia: [A maldição da teologia da missão integral no meio evangélico](#)



FAHRENHEIT 451

A idade média e a atualidade



Fahrenheit 451 é uma obra de Ray Bradbury. Trata-se de um romance visionário publicado em 1953. A obra descreve uma sociedade em que os livros foram proscritos, e que o simplesmente fato de manter em casa, obras literárias ou filosóficas, constitui-se num crime.

Sem querer expor o enredo do livro que tem também um filme homônimo dirigido por François Truffaut, destaco [minha recomendação para a leitura](#) da obra que certamente trará boas reflexões aos leitores.

O livro traz um comportamento de uma sociedade que embora a distância cronológica, em linhas gerais não é diferente do comportamento na idade média.

Controle do pensamento, queima de livros, instituições do estado sendo usadas para impor ao cidadão, seus ditames, vigilância severa sobre as pessoas, censura, [venenos sendo produzidos](#) para uso do interesse do sistema e até vizinhos e parentes sendo denunciados ao sistema.

Enquanto isso, atuavam também no cenário, verdadeiros heróis que com inteligência lutam para manter de pé os valores humanos que serão a semente para um mundo novo e melhor.

Edson Araujo

Embora a obra seja uma ficção e trate do futuro, já vimos este mesmo enredo em fatos na chamada idade média; onde as pessoas sofriam com todas essas ações típicas do contexto histórico onde a corrupção era generalizada em todos os sentidos.

Até o sistema de justiça era recheado de falsas acusações, imputação de crimes com leis um tanto subjetivas.

Não pretendo trazer um texto histórico, mesmo porque temos vasto conteúdo nas bibliotecas para os amantes do tema, mas trazer como sempre me proponho, uma reflexão para que a partir dela possamos ter ideias próprias sobre nosso momento histórico.

Qualquer leitor das obras sobre ela idade média sabe que era comum o sistema de justiça punir severamente os mais pobres e dar penas mais brandas para os mais abastados; discriminação era muito comum onde mulheres, judeus, estrangeiros e os chamados “pagãos” faziam parte de uma categoria que sofria constantemente com falsas acusações.

A educação era seletiva, e na saúde era comum morrer sem tratamento adequado, a mortalidade infantil era altíssima e somente a chamada, nobreza – cuja a palavra tinha seu significado corrompido) o que também era muito como à época, tinha uma vida ideal, além daqueles que hoje conhecemos como funcionários público do alto escalão.

Imaginemos um cenário onde toda essa situação fosse agregada muito, mas muito mais dinheiro, pensamento ideológico refinado e muita tecnologia; como temos hoje, podemos pensar que vivemos em uma idade média requintada?

Na filosofia da história, define-se idade média, um período de tempo entre uma civilização e outra.

Lembrando que a última civilização que consideramos foi Roma, e não sabemos quando ou se haverá uma outra...

Com tudo, nossos dias são muito semelhantes àqueles citados no romance ou nos anais da história.

Fica uma reflexão: O que manteve aqueles homens e mulheres firmes, constantes, convictos e irredutíveis quanto aos valores humanos que como naquela época, somos tão carentes nos dias de hoje?

Assim como naqueles dias, hoje, temos disponíveis esses heróis?

Lembro também que muitos deles, como, Giordano Bruno, foram eliminados pela liderança da época; outros presos, outros fugiram, mas nem por isso deixaram de cumprir seu propósito.

De algum modo reconheciam uns aos outros como numa linguagem própria, intuitiva, que os faziam ter uma ou outra chance de portarem os valores humanos, e, em algum tempo propício oferecer aos que com eles assumisse este sacro ofício.

Embora a tradição fosse oral, nem mesmos eliminados os homens e mulheres portadores dos “tais conhecimentos” - pois as pessoas eram os livros da época – conseguiram seu intento.

Edson Araujo

Penso que se vivêssemos um momento histórico semelhante, a única chance que teríamos seria o amor, as virtudes e a verdadeira moral, resultado desse amor; o que nos manteria inabaláveis como outrora fizeram os apóstolos, por exemplo.

Para regar esta mensagem, deixo o texto bíblico de 1 Cor 15:58, em que parafraseando o apóstolo são Paulo diz o texto:

Portanto, meus amados, sejam firmes e constantes, sempre abundantes no propósito, sabendo que a vossa obra não será em vão.

Leia: [Aos “Tiradentes” de todos os tempos](#)



Conservadores e revolucionários

Há um meme entre nós?

Por que rimos enquanto o debate definha?



Já perdi as contas de quantos memes, vídeos engraçados e slogans criativos pude ver nos últimos anos. A maioria cumpre com humor e graça a tarefa de transmitir uma ideia ou repercutir um fato. Algo me chama a atenção, e não é de hoje! Tudo é sempre muito superficial, resvalando nos aspectos mais evidentes, mas sem agregar conhecimento real sobre o que está ocorrendo diante dos olhos dos espectadores.

O cenário é comum nas mídias sociais que acompanho, mas parece ser uma tendência mundial. Já ouvi estrangeiros elogiando a capacidade infinita do brasileiro de criar memes sobre quase todo tipo de situação e, como a política é o tema em destaque nos últimos quinze anos, os memes políticos são os que mais vejo.

Para além dos memes, os slogans, palavras de ordem e aforismos, são recorrentes nas redes sociais. A grande questão que observo é que os memes que, em tese, serviriam para abrir os olhos ou despertar consciências pela via do humor, apenas separam ainda mais os grupos divergentes. Não sou contra o humor, longe disso. Cresci assistindo a programas hilários e com alto teor de crítica política, conduzidos por Chico Anísio, Jô Soares ou Agildo Ribeiro (os dois últimos tendentes à esquerda), entre outros, mas a diferença de nível entre as épocas é... deprimente.

Se o humor já foi ferramenta para iluminar contradições, hoje parece servir mais como cortina de fumaça. O embate entre conservadores e revolucionários parece, por sua própria natureza, insolúvel, pois

Mauricio Motta

se baseia no confronto de visões de mundo diametralmente opostas. Já tratamos da questão do apego a ideologias da juventude em outro texto da Revista Conhecimento e Cidadania: “*Testemunhas atávicas da História*”. Resolvemos aprofundar o tema, trazendo novas reflexões.

A imagem que ilustra esta reflexão não é um meme, mas se compartilhada isoladamente vai produzir pouco ou nenhum efeito. Será como um alimento vazio de nutrientes, mas bem saboroso. Produzirá efeito momentâneo e não agregará vitalidade ao corpo. Assim é o embate nas redes, muitas vezes circunscrito a bolhas sociais: estéril, vazio, inútil, mas engraçado.

Por trás dessa efemeridade, há uma força mais profunda — e menos visível — movendo os antagonismos: Cada lado se firma em convicções tão arraigadas que os argumentos se tornam irrelevantes: para quem tem fé numa visão de mundo, nenhuma explicação é necessária; para quem não tem, nenhuma explicação é possível. Essa adaptação, inspirada na máxima atribuída a Tomás de Aquino, pode traduzir o que vemos nas arenas ideológicas contemporâneas.

Conservadores e revolucionários falam, mas raramente se escutam. Dialogam para seus próprios públicos, não para os adversários. Assim, o consenso, se vier, será obra da vida — não do debate.

Dentro desse cenário, o conservadorismo guarda, em si, um valor precioso: é o depósito da experiência histórica, da sabedoria adquirida pelo longo processo de tentativas, erros, acertos e sofrimentos. Mas esse compêndio de experiências requer muito mais que um meme engraçado para ser apreendido.

No entanto, alguns conservadores contemporâneos caíram na armadilha da superficialidade. Limitam-se a repetir: “*As coisas são como são*”, “*sempre foi assim*”, “*Para que mudar se sempre funcionou?*”. Realmente falam a verdade, mas com a profundidade de um pires. Essa pobreza de argumentação é uma avenida aberta para os revolucionários, que, articulados, denunciam essa falta de consciência e apresentam-se como heróis da razão e da justiça.

O paradoxo, porém, não é exclusivo de um lado. Por trás da firmeza de cada lado, tanto conservadores quanto revolucionários guardam uma semelhança basilar: podem encontrar-se fundamentados em algo oculto — o medo. Medo da escassez, da dor, do sofrimento, da solidão, da morte. Uma das emoções mais primitivas e que segue acompanhando o ser humano em sua trajetória.

Esses medos, que fazem parte da experiência humana na Terra, podem dirigir silenciosamente as ações tanto dos conservadores quanto dos revolucionários. Há revolucionários que acreditam que serão beneficiados por sua visão de mundo quando ela se tornar realidade; outros já estão sendo beneficiados agora e lutam para não perderem seus privilégios, mesmo à custa do sofrimento alheio; outros, ainda, são ingênuos, pois lhes falta o conjunto de experiências e conhecimentos que proporcionam uma visão ampla e clara da realidade como ela é.

Mauricio Motta

Se o medo pode ser o combustível, o labirinto pode ser a metáfora. Ao longo da vida, somos confrontados com nossos medos de forma filtrada, gradual, para que possamos evoluir sem sermos destruídos. Mas para os recalcitrantes, para aqueles que se recusam a aprender pelas vias suaves, restam os confrontos sem anestesia: vivem o drama em sua forma mais crua, sem adornos. Mas até para concordar com essa possibilidade explicativa, é necessário crer que há um certo direcionamento por parte de uma força oculta que nos rege.

Essa jornada de redenção é individual e coletiva, lenta e dolorosa, e não oferece garantias de sucesso. Alguns, mesmo após todas as advertências, perdem-se por tempo demais. O Gênesis captura essa dinâmica de maneira simbólica e profunda:

"De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás." (Gênesis 2:16-17)

A advertência nasce da sabedoria do Criador, que conhece todas as dores e perdas que podem advir da experiência humana. Enquanto para alguns a palavra é suficiente; para outros, a experimentação pessoal é a única via possível — ainda que lhes custe a vida.

Assim desenrola-se o fio do destino humano, que tem como guia a sabedoria divina, representada materialmente pelas Sagradas Escrituras. Assim como o novelo de Ariadne entregue a Teseu: o fio está lá, conduzirá à saída, mas exige que cada centímetro do labirinto seja percorrido, com coragem, dor e incerteza.

Cada volta do caminho é uma lição; cada retrocesso, um convite à humildade. O preço da desobediência, da soberba e da ignorância é o próprio labirinto — e, às vezes, a perdição definitiva.

G.K. Chesterton, ao refletir sobre a tradição, afirmou que *"a tradição é a democracia dos mortos"*, a voz daqueles que vieram antes de nós, provando com suas vidas aquilo que hoje herdamos como sabedoria.

Esquecer ou desprezar essa voz é um ato de arrogância juvenil — é arrancar a escada depois de subir.

E assim, conservadores e revolucionários continuam a se enfrentar.

O conservador que se limita a dizer *"é assim porque sempre foi"* cede terreno ao revolucionário que, embora muitas vezes ingênuo ou mal-intencionado, apresenta-se armado de perguntas legítimas e coragem de mudar.

Mas se a revolução triunfar sem consciência das razões que sustentavam a ordem antiga, logo se aprenderá — pelo sofrimento — que aquilo que foi desprezado na teoria, faltará como substância da prática.

Mauricio Motta

O drama das redes, portanto, não se limita apenas ao campo dos embates político-ideológicos: é existencial. Mais do que uma batalha de memes, ou do enfrentamento de candidatos e seus eleitores, temos um enfrentamento de visões de mundo.

Cada geração é chamada a reconectar-se ao fio de Ariadne da tradição, mais que religiosa, metafísica, e atravessar o labirinto de seus próprios medos e escolher: aprender pela razão ou pela experimentação, pela escuta ou pela queda.

E enquanto uns despertam ao suave tilintar de um alfinete, outros precisarão da explosão de uma bomba para quem sabe, enfim, abrir os olhos.

Enquanto esse drama se descortina no dia a dia — com a queda da moralidade, o aumento das corrupções, a explosão da sensualidade, a lenta erosão da família —, vamos rindo de mais um meme. Do outro lado, nossos companheiros usam ardis retóricos, nossas próprias contradições e hipocrisias para o contra-ataque. Batalha inútil.

Mas eis a questão final: quanto do labirinto ainda precisaremos percorrer até reconhecermos que o fio de Ariadne já está em nossas mãos?

Leia: [Muito mais que um movimento, um destino](#)



O amor que transforma



Nos últimos artigos, abordamos o tempo do Carnaval, a Quaresma e encerramos com a Páscoa, o ápice da vida cristã, onde se revela o maior mistério da fé: a crença de que Jesus foi imolado para restaurar a humanidade, demonstrando o maior ato de amor registrado na história.

O amor de Jesus Cristo, manifestado em seu sacrifício na cruz, é a expressão mais sublime da misericórdia divina. Esse ato de entrega total transcende qualquer compreensão humana e revela a profundidade do amor de Deus pela humanidade. Jesus, o Filho de Deus, aceitou voluntariamente a morte para salvar o ser humano do pecado, mesmo que muitos não tenham pedido ou compreendido essa salvação.

O sacrifício de Jesus na cruz é o ápice da história da salvação. Ele não apenas sofreu fisicamente, mas carregou o peso dos pecados de toda a humanidade. Esse amor é sublime porque é completamente altruísta e incondicional. Jesus não buscou nada em troca; sua morte foi um ato de obediência ao Pai e de amor pela humanidade. Como afirma a encíclica “Deus Caritas Est”, o amor de Deus é uma força transformadora que nos chama a viver em comunhão com Ele e com os outros.

Jesus Cristo foi o maior mensageiro do amor, e esse amor é lembrado até os dias de hoje. No entanto, é essencial compreender que o amor, por si só, não é suficiente para seguir a Jesus Cristo. A fé

Juliette Oliveira

cristã exige uma vivência concreta, baseada na encarnação de Cristo e na prática dos mandamentos divinos. Esse alerta foi enfatizado em diversas reflexões do Papa Francisco, disponíveis no site do Vaticano.

O Papa Francisco destaca que o amor cristão não pode ser reduzido a um sentimento abstrato ou filosófico. Ele deve ser vivido de forma concreta, com obras de misericórdia e ações que refletem a encarnação de Cristo. O amor que não reconhece que Jesus veio em carne é um amor falho e distante da verdadeira essência cristã. Seguir a Cristo implica acreditar na sua encarnação e viver de acordo com seus ensinamentos, que incluem amar ao próximo de maneira prática e genuína.

Na exortação apostólica “Amoris Laetitia” (“A Alegria do Amor”), Francisco descreve o amor como uma realidade concreta, vivida no dia a dia, especialmente no contexto familiar. Ele enfatiza que o amor cristão não é apenas um sentimento, mas uma decisão de buscar o bem do outro, mesmo em meio às dificuldades. Ele também alerta contra a tentação de reduzir o amor a um conceito abstrato ou idealizado, destacando que o verdadeiro amor se manifesta em ações concretas de misericórdia e cuidado.

Santo Agostinho, um dos maiores teólogos da Igreja, descreveu o amor como a força que move todas as coisas em direção a Deus. Em suas “Confissões”, ele reflete sobre sua busca pelo amor verdadeiro, reconhecendo que apenas em Deus encontrou a plenitude do amor. Para Agostinho, “Ama e faz o que queres” significa que, quando o amor é genuíno e enraizado em Deus, ele guia todas as ações para o bem. Ele também advertiu contra os amores desordenados, que afastam a alma de sua verdadeira finalidade: a comunhão com Deus.

Além disso, o Papa Bento XVI, na encíclica “Deus Caritas Est”, reforça que o amor cristão não é apenas um mandamento, mas uma resposta ao amor divino que nos foi dado. Esse amor deve ser comunicado aos outros por meio de ações concretas e comprometidas. A fé cristã não se baseia apenas em ideias ou sentimentos, mas em um encontro transformador com Cristo, que dá um novo horizonte à vida.

O amor cristão, como ensinado por Jesus e aprofundado nessa encíclica, é um chamado à ação concreta e à transformação pessoal. Ele exige discernimento para que nossas ações sejam verdadeiramente guiadas pelo amor divino e não por interpretações distorcidas ou egoístas do que significa amar.

O amor é uma força universal que conecta as pessoas e dá sentido à vida. Na tradição cristã, ele é dividido em três tipos principais:

1. “Eros”: Amor de desejo, frequentemente associado à atração física e romântica. Na visão cristã, o “eros” precisa ser purificado e disciplinado para não se tornar egoísta.
2. “Philia”: Amor de amizade, baseado em respeito mútuo e companheirismo.

Juliette Oliveira

3. “Ágape”: Amor altruísta e incondicional, que busca o bem do outro sem esperar nada em troca. Este é o amor que mais reflete o amor de Deus.

O amor materno, quando vivido verdadeiramente, é uma das formas mais puras e incondicionais de amor humano. Ele reflete o “ágape”, o amor altruísta que busca o bem do outro sem esperar nada em troca. A mãe ama seu filho desde o ventre, nutrindo, protegendo e guiando-o ao longo da vida. Esse amor é cuidadoso, sacrificial e constante, um reflexo do amor divino.

Embora chamemos Deus de Pai, Ele também ama como uma mãe. Seu amor é terno e compassivo, como o de uma mãe que jamais abandona seu filho, oferecendo acolhimento e proteção sem reservas. Em Isaías 49, 15, Deus nos lembra: “Pode uma mãe esquecer-se do seu filho? Ainda que ela se esqueça, eu jamais me esquecerei de ti.” Essa passagem reforça que, enquanto o amor humano pode ter falhas, o amor de Deus é perfeito e eterno. Ele corrige, guia, sustenta e conforta, assim como uma mãe amorosa que sempre busca o melhor para seus filhos.

Maio é um mês especial, quando celebramos o Dia das Mães, uma ocasião que nos lembra da profundidade e da beleza do amor materno. O amor de uma mãe verdadeira é um reflexo do amor divino: ele é incondicional, protetor e sacrificial. Uma mãe que ama genuinamente cuida, orienta e se doa sem esperar nada em troca, buscando sempre o bem de seus filhos. Esse amor nos dá um vislumbre do amor de Deus, que é ainda maior e mais perfeito.

Jesus nos ensinou sobre essa realidade ao dizer: “Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhes pedirem?”. Essa passagem nos mostra que, se até nós, com nossas imperfeições, buscamos dar o melhor aos nossos filhos, Deus, que é perfeito e infinitamente bom, nos concede dádivas ainda maiores.

Assim como uma mãe jamais daria algo prejudicial ao seu filho quando ele pede alimento, Deus também cuida de nós com amor e providência. Seu amor transcende qualquer compreensão humana, e Ele nos sustenta com tudo o que precisamos para viver em comunhão com Ele. O amor materno, em sua forma mais pura, nos ajuda a compreender um pouco da ternura e do cuidado divino, lembrando-nos de que, independentemente das circunstâncias, Deus nunca nos abandona.

A ideia de amor varia amplamente entre indivíduos. O que para alguns pode ser considerado amor, para outros pode ser algo nocivo ou destrutivo. Por exemplo, um amor possessivo ou controlador pode ser percebido como cuidado por quem o pratica, mas como opressão por quem o recebe. Por isso, é perigoso reduzir os mandamentos de Jesus a simplesmente “amar”, sem considerar o que esse amor implica em termos de responsabilidade, respeito e justiça.

Juliette Oliveira

Mas como sabemos o modo de amar? Para isso temos algumas direções. Jesus Cristo nos deu duas direções quando resumiu os mandamentos em dois princípios fundamentais: “amor a Deus” e “amor ao próximo”. Em Mateus 22, 36-40, Ele disse:

1. “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento.”
2. “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.”

Além disso, Jesus reafirmou vários dos Dez Mandamentos ao longo de seu ministério. Ele também enfatizou a importância do amor e da misericórdia como base para a vida cristã.

Portanto, é perigoso acreditar que o amor, sem a prática dos mandamentos e sem a fé na encarnação de Cristo, basta para seguir a Jesus. O verdadeiro amor cristão é aquele que se manifesta em ações concretas, que refletem a presença de Deus em nossas vidas e nos aproximam do próximo. Somente assim podemos viver plenamente a mensagem de Cristo e evitar os enganos de um amor abstrato e desconectado da realidade.

O amor de Deus é imenso, perfeito e incondicional, mas para vivê-lo plenamente, é necessário primeiro aprender a amar a si mesmo. Somente quem compreende seu próprio valor diante do Criador consegue refletir esse amor de maneira genuína.

Muitas vezes, buscamos o amor de Deus e do próximo sem antes olharmos para nós mesmos com misericórdia. Aceitar-se, respeitar-se e cuidar de si não são atos de egoísmo, mas sim passos essenciais para viver o amor verdadeiro que Cristo nos ensina.

Se Jesus nos mandou amar o próximo como a nós mesmos, como podemos cumprir esse mandamento sem antes entendermos o que significa amar a própria vida? Quem não se vê como digno do amor de Deus dificilmente conseguirá amar o outro com a plenitude que Cristo nos pede.

Que tal dar esse primeiro passo? Enxergue-se com os olhos de Deus, ame a si mesmo com gratidão e permita que esse amor transborde para transformar suas relações e sua fé. Quando aprendemos a nos amar com sinceridade, começamos a viver o verdadeiro amor cristão, aquele que se manifesta em gestos concretos e nos aproxima ainda mais do Senhor.

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS!

www.revistaconhecimentoeccidania.com



[Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania](#)



revistaconhecimentocidania@gmail.com



[@revistaconhecimentocidania](#)



[@revistaconhecimentocidania](#)



[@RevConhecimento](#)



<https://www.vakinha.com.br/4961006>



[@RevistaConhecimentoCidania](#)



[Revista Conhecimento & Cidadania](#)

REVISTA

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO &
CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania



